

Um guia educativo sobre



Saúde do Homem

Masculinidade e Violência

Ananda Beatriz Lobato Gomes
Alex Nicolas Rocha do Carmo
Guilherme Benício Vasconcelos Dias
Gustavo Farias da Costa
João Victor Nascimento de Carvalho
Marianna Cunha de Andrade
Tamires Costa da Silva
Thiago Rafael da Conceição Silva
George Alberto da Silva Dias



Belém - Pará
2022

Autores:
Ananda Beatriz Lobato Gomes
Alex Nicolas Rocha do Carmo
Guilherme Benício Vasconcelos Dias
Gustavo Farias da Costa
João Victor Nascimento de Carvalho
Marianna Cunha de Andrade
Tamires Costa da Silva
Thiago Rafael da Conceição Silva
George Alberto da Silva Dias

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UEPA / SIBIUEPA

Um guia educativo sobre saúde do homem masculinidade e
violência. – Belém-Pa: UEPA; 2022.

24p.

Guia educativo elaborado por discentes e professor do
Curso de Fisioterapia da Universidade do Estado do Pará
(UEPA) vinculado ao Módulo Temático: Vida adulta e
envelhecimento.

ISBN: 978-65-00-58221-5.

1. Saúde do homem. 2. Violência. 3. Masculinidade. 4.
Promoção da saúde. I. Gomes, Ananda Biatríz Lobato et al.
II. Universidade do Estado do Pará. III. Título.

CDD 22. ed. 613.04234

Elaborada por: Roselene Garcia Duarte Noguchi CRB2-1087.

Apresentação

O guia educativo sobre Saúde do Homem: masculinidade e violência é destinado à estudantes, profissionais e a população em geral acerca deste tema importante. Dessa forma, são abordadas as seguintes temáticas: saúde do homem, políticas públicas e a violência e seus fatores determinantes.

Espera-se, desse modo, esclarecer um pouco sobre o tema como uma estratégia de educação em saúde principalmente para os usuários e profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS).

Sumário

Saúde do Homem	05
PNAISH	07
Violência	10
Comportamento violento	12
Agressões e agressores	15
Consequências da violência	16
Violência doméstica	18
Permanência da violência contra o Homem	19
Banalização da violência	20
Sensibilização e a prevenção da violência	21
Conclusão	22
Referências Consultadas	23

Saúde do Homem



A população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é composta por 48,2% de homens. No Brasil, a presença masculina no cenário da saúde se tornou um desafio para as políticas públicas e profissionais de saúde, já que os homens buscam **MENOS** os serviços de saúde em relação às mulheres.

Este panorama é preocupante, pois eles têm os maiores números de doenças e mortes e ainda assim, não tem o costume de procurar ajuda de forma preventiva.

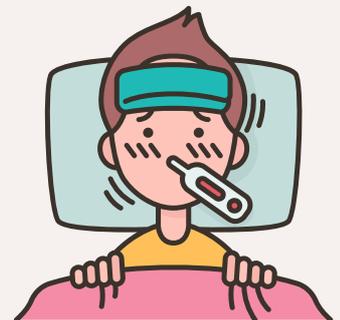
Tudo isso está relacionado a diversos fatores do dia a dia que causa a diminuição da procura a esses serviços, como justificativa está o trabalho e, por conseguinte, a ideia de masculinidade.



Culturalmente, o homem não possui o hábito de se cuidar, ele está sempre associado como mais forte e mais resistente do que as mulheres. É visto como o chefe da família, o qual não pode demonstrar suas fraquezas. Esses são ideais equivocados construídos com o passar do tempo.



Consequentemente, esses padrões sociais acabam fazendo com que muitos homens deixem de cuidar da saúde, principalmente quando se fala em prevenção. Quando isso ocorre, a procura pelos serviços de saúde ficam concentradas na assistência a agravos e a doenças.



A busca por atendimento, no geral, acontece em situações extremas de emergência e/ou nível especializado de urgência.



PNAISH



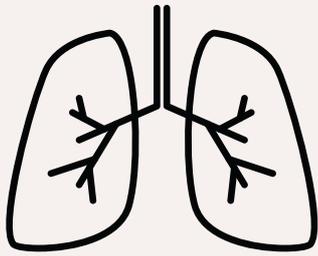
Em 2009, foi criada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) de acordo com a PORTARIA Nº 1.944, DE 27 DE AGOSTO DE 2009, que tem como objetivo criar estratégias e ações de atenção integral à saúde do homem, o que visa estimular a conscientização do autocuidado, com o propósito de possibilitar o aumento da expectativa de vida e a redução dos números de mortes por causas preveníveis e evitáveis.

Além disso, o Estado brasileiro reconhece que os agravos do sexo masculino constituem verdadeiros problemas de saúde pública.



Um dos problemas abordados pelo PNAISH está relacionado à violência e à acidentes, sejam eles de trânsito ou no trabalho. Essas são uma das maiores causas de mortalidade no Brasil e de procura nos serviços de saúde especializados quando não são acidentes fatais.





O Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), apresenta que a maior causa de mortalidade masculina são as doenças relacionadas ao aparelho respiratório e na segunda posição, aparecem as causas externas, definidas como traumatismo, lesões ou qualquer agravo intencional ou não.

Por isso, é tão importante entender como a violência e os comportamentos de risco são fatores determinantes dos agravos à saúde da população masculina.

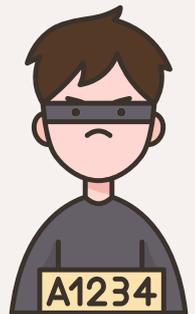
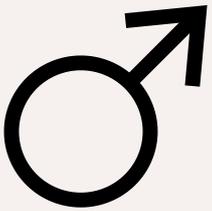


Dessa forma, temos que compreender quais os fatores que levam a essas diversas práticas de violência nos inúmeros espaços sociais.

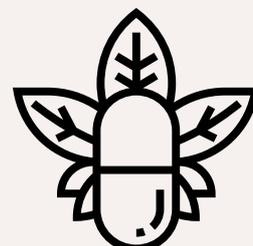




A pressão do dia a dia resultante do cumprimento de papéis sociais/culturais ao lado do conjunto de referências de masculinidades causam prejuízos para milhares de homens, como as mortes no trânsito, homicídios, envolvimento com drogas e a criminalidade.



Um dos fatores desencadeantes dos atos violentos é abuso de álcool e drogas, desigualdade social e o desemprego, que pode ser fator causador da criminalidade.



VIOLÊNCIA



A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como “uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de provocar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações”. Além disso, a violência contra homens consiste em atos de violência cometidos exclusiva ou desproporcionalmente contra homens.



Existem diversos tipos de violência: física, sexual, psicológica, moral, econômica e social. As mais comuns são a física (socos, tiros, dentre outros), a sexual (estupro) e a psicológica (xingamentos, chantagem, dentre outros).



A violência psicológica é a mais prevalente, sendo o homem a vítima ou o agressor, seguida da violência física.



A violência está presente desde a juventude do homem, sendo parte da relação entre os meninos e como processo de formação de sua identidade.



Nesse sentido, a infância do homem pode vir a influenciar suas futuras atitudes violentas, assim como a infidelidade, a supervalorização do trabalho, a imposição de normas e regras no ambiente familiar e uma relação de poder abusiva sobre a mulher.



Ademais, isso é causado, geralmente, pela desigualdade social, o desemprego e o uso de drogas.



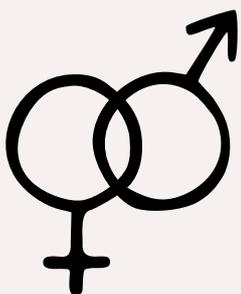
Comportamento Violento

A partir da psicologia social, Klineberg (1981) discute a hipótese da teoria da frustração-agressão como explicação da violência. Resumindo seu pensamento, o autor diz que a frustração aumenta a probabilidade do comportamento violento.



Porém, existem muitos fatores que contribuem para isso. Os estudos sobre participação em conflitos ou sobre comportamentos violentos mostram que as pessoas que agem assim têm que possuir um certo grau de controle sobre sua própria decisão.

Em seguida, o autor mostra outras categorias (que em geral, juntam fatores sociais e biológicos) que contribuem para as diferenciações, na probabilidade de ações de violência individual e coletiva:



Idade e sexo: universalmente os homens cometem mais violência que as mulheres e os jovens mais que outros grupos etários.



O autor não deixa de chamar atenção para o fato de que fatores culturais desempenham papel importante na configuração do problema, como o machismo e as relações homoafetivas.

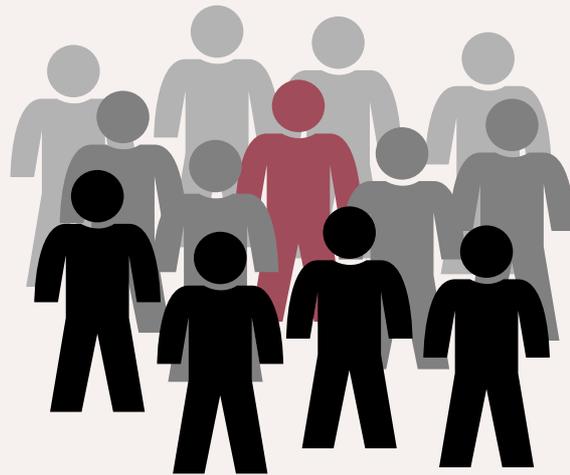
O autor mostra ainda que a questão étnica, racial e de classe, não comprova que os negros são geneticamente mais violentos que os brancos, ou que os de menor renda são mais que aqueles com maior renda.



O fator de dominação política, econômica e social é muito mais explicativo que o caráter biológico das diferenças, segundo o autor.



A aglomeração demográfica (muitas pessoas em um mesmo lugar) é também lembrada, e é comparável a um grupo excessivo de animais, que em algum momento acabam brigando entre si.

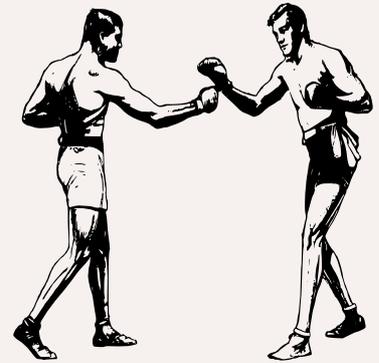


Há um risco das extrapolações que têm sido feitas em relação à explosão populacional, pois historicamente, não há provas de que elas geram violência.



Agressões e agressores

Apesar dos homens sofrerem muito menos do que praticam a violência contra outros, é fato que eles se envolvem mais em situações de violência de grande magnitude, seja como vítima ou como agressor.



Além do mais, 81,2% dos homens são somente os agressores, e não sofrem a violência de volta, quando sofrida, é mais a violência física (em espaços públicos).

Como agressores dos homens nos casos de violência psicológica, os colegas de trabalho, conhecidos e estranhos apresentam-se como os principais. Já na física, surgem os familiares e estranhos.



Na violência sexual, a parceira íntima é a segunda categoria com mais frequência de agressão, afinal, **os homens também podem ser vítimas de violência doméstica.**

Consequências da violência



É um fato global que homens entre 15 e 29 anos são os que mais apresentam risco de serem vítimas de homicídios.



Concluiu-se no relatório sobre os homicídios em todo o planeta realizado pela UNODC em 2019, que para essa situação mundial, o continente americano tem grande influência, pois os fatores estruturais que causam a mortalidade violenta são os conflitos frutos da ação do crime organizado e das mortes decorrentes do uso de armas de fogo.

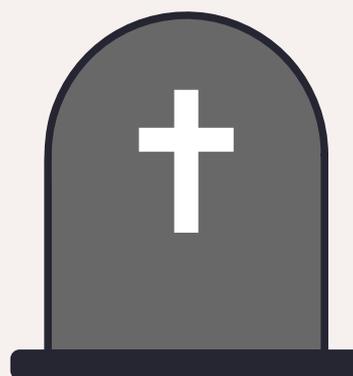
Com efeito, no Brasil a violência é a principal causa de morte entre os jovens. Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24 anos, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 mortes e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31 vítimas.



Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país.



Os dados indicam que o risco de ser vítima de um homicídio não está igualmente distribuído entre todos os jovens do país. A característica mais marcante desse grupo é o sexo. Homens representaram 93,9% do total de jovens vítimas em 2019. Em 2018, essa proporção foi praticamente a mesma, mudando muito pouco ao longo dos anos.



Violência doméstica



A violência doméstica não ocorre pelas relações de sexo, em que somente o homem sempre foi colocado como o agressor.

Os motivos da violência contra as mulheres são semelhantes aos motivos da violência contra os homens, independentemente do sexo: obter controle ou retribuição e promover ou defender a autoimagem.



Embora o homem possa ser vítima de violência doméstica, não existe uma ampla discussão na sociedade, igual com a vítima mulher.



Partindo também para o âmbito jurídico, são variadas as formas de proteção que encontramos para a mulher enquanto vítima, o que não ocorre com o homem.

Permanência da violência contra o homem



Quando perguntados se consideram ter sofrido violências na vida, 67,2% dos homens dizem que não, valor próximo do que quando perguntados se já praticaram algum tipo de violência (69,6%), ou seja, os homens acreditam que não foram violentados.

Ligado a isso, os homens não denunciam quando sofrem violência por muitas razões: vergonha, receio, a falta de preparo dos órgãos públicos para enxergarem o homem também como possível vítima, o sexismo na sociedade e legislação, por querer manter os assuntos da família em privacidade, entre outros motivos.



O medo e a vergonha surgem como as principais barreiras ao primeiro pedido de ajuda. O receio da descrença e da humilhação, que podem, muitas vezes, surgir de familiares, amigos e até mesmo instituições policiais e judiciárias, influenciam na permanência da violência contra o homem.

Banalização da violência

Uma vez que tais atos de violência são considerados toleráveis por fazerem parte da construção de sua masculinidade, principalmente nas relações com pessoas próximas, os homens nem sempre reconhecem a violência, pois acreditam que seja algo natural.



Tais atitudes violentas são incorporadas na vida cotidiana do homem como processo de afirmação de identidade, atingindo pessoas consideradas, por eles, inferiores/vulneráveis, como mulheres, idosos, homossexuais, e certas parcelas de classe racial.



Os homens sofrem mais violência no espaço físico e levam para o espaço doméstico. Com isso e com as demais problemáticas, esse debate é de suma importância para promover a prevenção no campo da saúde, tendo em vista que há situações que a violência tenta se justificar e se banaliza, produzindo impactos negativos tanto na saúde dos homens como na das mulheres.



Sensibilização e prevenção da violência



É muito importante que a PNAISH, em relação conjunta com outros setores organizados do Governo Federal estimulem a participação e a conscientização da população masculina sobre sua saúde.



Conclusão



Homens, no geral, apresentam dificuldades para buscar atendimento na Atenção Primária a Saúde, gerando diversas justificativas. Quando procuram ajuda a sua saúde já está comprometida.

Cabe a sociedade e os profissionais de saúde realizarem meios que possam sensibilizar essa parcela da população de que a prevenção é o caminho mais eficaz para a saúde do homem.



Referências Consultadas

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 1.944, de 27 de agosto de 2009. **Instituiu a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 340 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde da população masculina no Brasil nos anos de 2010 a 2019: mortalidade por câncer de próstata no Brasil**. Ministério da Saúde. v. 53, n. 8, p. 1-7, 2022.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

FELSON, R. B. **Violence and gender reexamined**. American Psychological Association: Washington, 2002.

SOARES, Renata Gomes. **Violência e masculinidade: estratégias para sensibilização e prevenção da violência na população masculina**. Orientadora: Muna Muhammad Odeh. 2019. 76 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

**Guia educativo elaborado por discentes e professor do
Curso de Fisioterapia da Universidade do Estado do Pará
(UEPA) vinculado ao Módulo Temático: Vida adulta e
envelhecimento.**

